

BALADA DO LADO SEM LUZ

Tragicomédia

Uarlen Becker

PERSONAGENS

JULIETA

ROMEU

SÓFOCLES

FERNANDA

FEDRA

O próprio teatro como cenário. Um varal com roupas velhas, um carrinho de supermercado cheio de tralhas e um amontoado de jornais velhos num canto. Um baú antigo como parte do cenário. Os personagens disputam sutilmente o baú.

Julietta (Cantando) – Arranquei a batata da terra
 arranquei a batata da terra
 Só nos resta a canção
 arranquei a batata da terra
 A balada do lado sem luz
 arranquei a batata da terra!

Romeu - É da guerra, Julieta!

Julieta – Hein? Não ouvi!

Romeu – O que você disse?

Julieta – Que não ouvi!

Romeu – Não ouviu o quê?

Julieta - Ai, o que você falou Romeu!

Romeu – Eu falei que não é batata da terra, é batata da guerra!

Julieta – Não, é da terra, mesmo!

Romeu - Deve ser!

Julieta - Mas Romeu, me diz uma coisa!

Romeu – Digo!

Julieta – Por que será que na guerra os soldados comem batatas?

Romeu – Ah, acho que é pra dar mais firmeza pra enfrentar as batatas.

Julieta – As batatas?

Romeu – Perdão. Pra enfrentar as batalhas! É que uma batalha, como toda guerra, é uma batata quente!

Julieta – A gente come batata todo dia e não estamos em uma guerra!

Romeu (Para as roupas) - Entenderam?

Julieta – Romeu!

Romeu – Diga Julieta.

Julieta – Vem comer! O dia hoje foi duro!

Romeu – (Limpando o suor) Uf! Se foi duro!

Julieta – Vai limpar as mãos!

Romeu - Ih, tinha me esquecido!

Romeu caminha sorrateiramente a um canto, limpa as mãos na própria calça e retorna.

Romeu – Esse sabão tem cheiro bom! Onde você comprou?

Julieta – Não comprei nada! Pedi! Mendigos clássicos como a gente, não podem comprar nada, tem que pedir!

Romeu – As pessoas nem respeitam mais os mendigos!

Julieta – As esmolas estão cada vez mais escassas!

Romeu – É que as pessoas só querem ganhar dinheiro! Nunca se lembram de doar algum ao próximo! Daqui uns dias a gente vai ter de ir trabalhar!

Julieta - Trabalhar a gente não pode. Imagine se todos os mendigos da cidade resolvem fazer o mesmo! Não vai Ter mais mendigo! Não tendo mais mendigos as pessoas não terão a quem dar seus trocados, ficarão todas ricas e egoístas e não terá mais graça nenhuma viver!

Romeu – É mesmo! A gente podia fazer sabe o quê?

Julieta – Não, diga, vá!

Romeu - Fundar uma associação de mendigos! Assim: a gente reunia os colegas dividia em turmas e dividia os distritos na cidade por bairro, talvez, e mandava cada turma para um distrito. Assim não ficaria todo mundo em um local só, no centro da cidade e a categoria permaneceria unida, mendigo unido, jamais será...

Julieta – Vencido? Hum... sei não...acho que você anda comendo batata demais!

Romeu – Hum...

Julieta - O quê?

Romeu – O quê?

Julieta – O quê, o quê?

Romeu – O quê, o quê, o quê.

Julieta (Impaciente) – O quê, o quê o quê, o quê!

Romeu (Desatento) – O quê?

Julieta – O quê, O quê?

Romeu (Instigado) – O quê, o quê, o quê, o quê?

Julieta – Deixa pra lá! Eu tava pensando...

Romeu – Pensando?

Julieta (Investigativa) – Por quê? Você pensa que eu não sei pensar?

Romeu (explicativo) – Não é que eu ouvi dizer que o pensar é muito perigoso!

Julieta – Mas é perigoso por quê?

Romeu – Ah, sei lá, acho que pensando, as pessoas fazem as coisas mais certas!

Julieta – Hum... será Romeu?

Romeu – Mas claro! Se a gente pensasse bem, a gente não levaria a vida que a gente leva!

Julieta – Mas a gente escolheu essa vida! Ora bolas!

Romeu – É mesmo! Estando aqui a gente almeja o topo!

Julieta – Do mundo?

Romeu – Não, Julieta, da vida!

Julieta – Mas a vida tem um topo, igual às montanhas?

Romeu – Não é topo propriamente dito! Mas é clímax! Riquezas, satisfação pessoal, o sentimento de ter tudo que almejou na vida!

Julieta – E depois?

Romeu – Depois descansa!

Julieta – Morre?

Romeu – Quase, porque não tem mais nada pra fazer mesmo!

Julieta – Ah, deixa pra lá!

Romeu – Jú, sabe o que a gente podia fazer?

Julieta - Não, diga!

Romeu - Brincar de ficar em paz!

Julieta - Ah, mas essa brincadeira é muito difícil!

Romeu – Então a gente podia dançar! Não tem nada pra fazer mesmo!

Julieta – Dançar? Eu topo!

Então dançam com uma música imaginária, de maneira desengonçada.

Romeu (Resfolegando) – Ai, cansei Jú...

Julieta – Mas foi bom, não foi?

Romeu – Se foi! A música que a gente imagina é bem melhor que as outras!

Julieta – Se é!

Romeu – E é bem mais fácil do que brincar de ficar em paz!

Julieta – Esse negócio de paz é muito complicado!

Romeu - É mais fácil brincar de briga!

Julieta – Mas a gente já briga todo dia!

Romeu – Como assim?

Julieta – De briga! A gente briga todo dia!

Romeu – Nem luvas eu tenho!

Julieta – mas essa briga não precisa de luvas não, Romeu!

Romeu – Então é como na guerra!

Julieta – Na guerra também não se precisa de luvas, mas também não é como na guerra, que se luta não se sabe por quê! Nessa guerra a gente luta sabendo muito bem qual o objetivo! Só que é ainda pior, porque essa é individual, cada um por si...

Romeu – E Deus?

Julieta – Deus... Deus leva a culpa! E paga as dívidas! Deus lhe pague! Deus lhe pague! E a gente não se esforça pra pagar, nem que seja só um tantinho assim! Ah, deixa pra lá!

Romeu – É, deixa pra lá! Sabe Jú, às vezes fico pensando qual o significado dos nomes. O meu, por exemplo: Romeu. Estranho, você não acha?

Julieta (indignada) – Não, até que eu acho bonitinho! Só acho estranho os nomes estranhos. Quero dizer os nomes diferentes. Eu conheci uma mulher que pôs o nome do filho de Oksi.

Romeu – Como?

Julieta – É verdade, Oksi. Mas geralmente as pessoas pobres é que fazem isso!

Romeu – A única alegria que muitos têm. Pôr nomes estrangeiros e de artistas nos seus filhos!

Julieta – Se eu tiver uma filha não vou colocar nome de artista nela!

Romeu – E qual nome você daria a sua primeira filha?

Julieta – Ah, sei lá... Talvez Maria... Ou José... Ou Jesus...

Se entreolham por um longo tempo, assustados. Julieta fica amuada.

Romeu – Você está assim por causa da lei?

Julieta – Acho que sim!

Romeu – Você serviu de exemplo?

Julieta – Servi, para a manutenção da ordem e do progresso desse céu infernal!

Romeu – Você apanhou muito, Julieta?

Julieta – Sim, Romeu, apanhei muito, por fora e por dentro, se ainda fosse só por fora...

Romeu – Mas a culpa é sua!

Julieta – Minha?

Romeu – É a culpa é sua!

Julieta - Você está querendo dizer que...

Romeu – A culpa é toda sua! Quem mandou ir observar os cães?

Julieta – Mas era uma simples festa!

Romeu – Os cães! Lá fora estão os cães!

Julieta – Vamos cortar relações.

Romeu – Aceito. Finalmente uma atitude de pessoas civilizadas!

Julieta – Não falo mais com você!

Romeu – Nem eu!

De costas para o público. Ficam em silêncio por um tempo.

Julieta (suplicante) – Eu estou aqui!

Romeu (relutante, suplicante) – Eu estou aqui!

Julieta (grita) – Eu existo!

Romeu (grita) – Eu também existo!

Julieta – Vamos fazer as pazes?

Romeu (relutante) – Vamos. (Corre e abraça Julieta)

Julieta (encabulada) – Você me abraçou!

Romeu (encabulado) – Coisa rara né? Ô Jú, eu passei ontem pelos extremos da cidade, e vi que os governos estavam inaugurando um jardim zoológico!

Julieta – Ai, eu adoro jardim zoológico! Eles trazem os bichos pra ver a gente! Eles também precisam de diversão!

Romeu – Mas é justamente o contrário, Jú, trazem os bichos para que nós, humanos, possamos vê-los!

Julieta (Confusa, atordoada) – Nós... ver os animais? Mas é uma lição muito dolorosa!

Romeu – Destruíram as florestas, expulsaram os bichos, e agora os trazem para serem vistos enjaulados!

Julieta – Puxa, que coisa, eu nunca tinha pensado nisso! Se bem que trazer os bichos para nos ver seria dolorido demais... para eles, que coitadinhos, são um exemplo de vida!

Romeu – Não tem nada em nós que eles poderiam aprender, ou tomar como exemplo! Nada!

Julieta – Ah, mas sabe de uma coisa? Deixa pra lá!

Romeu – E o que a gente faz então

Julieta – Com o quê?

Romeu – Com essa situação!

Julieta – Ah! A gente come batata! Coma a sua!

Eles comem as batatas que Julieta preparou. Um olhando pro outro. De forma automática, passam a disputar quem termina primeiro. Terminam juntos.

Julieta – Acabei primeiro!

Romeu – Não! Eu acabei primeiro!

Passam um tempo olhando-se. Riem bastante

Julieta – Que sujeira!

Romeu – Você é muito porca, Julieta! Se sujou toda! Até babou!

Julieta - É mesmo!

Romeu – Imagina se a gente estivesse num restaurante chique! O que iam pensar da gente!

Julieta – Dizem que eles comem manga de garfo e faca!

Romeu – Eu nem sabia disso! O máximo que eu chego perto de um lugar desses é do outro lado da rua!

Julieta – Mas eu acho que o pessoal não vai lá pra comer! O mais importante é ir lá! O luxo todo, o lugar, o ritual, mesmo que o riso seja uma representação! Ah, deixa pra lá que não vale a pena a gente gastar as nossas batatas com assunto assim podre! Por falar em representação, que tal se a gente brincasse de teatro?

Romeu – Ah, não sei Jú, acho que não vai dar não!

Julieta (preocupadíssima) – Por que não vai dar não?

Romeu – Eu tenho vergonha!

Julieta – Ah, Rô, que bobagem! A gente imita o pessoal que come manga de garfo e faca, que finge se sentir bem com garfo de ouro e de prata, que representa o riso!

Romeu – Tá bom! A gente não tem nada pra fazer mesmo!

Julieta – Ah, que bom!

Romeu (Empolgado) – Tá bom! Mas o que a gente vai representar? Uma tragédia grega? Uma comédia universal? Um texto social? Um drama?

Julieta – Eu queria mesmo fazer “A Balada do Lado Sem Luz”!

Romeu (Amedrontado) – Você está louca, Julieta? Não fale assim tão alto que alguém pode escutar, menina!

Julieta – Ih, é mesmo, acho que me empolguei! Isso é inclassificável!

Romeu – Os críticos iriam se exaltar!

Julieta – Eles iriam se levantar contra nós!

Romeu – Ah, mas quem manda ligar pra crítica?!

Julieta – Certo, façamos então outra peça! Eu começarei recitando um lindo poema (Já cheia de clichês.) que me remete à minha infância turuna!

Romeu – Peraí, turuna? O que significa isso?

Julieta – Turuna? Ah, não sei, eu escutei alguém falar na rua e gostei, achei uma palavra bonita e falei agora!

Todo mundo faz isso, fala as coisas que não sabem o significado! Deixa eu fazer a minha récita? Imagine uma velha senhora na janela de uma casinha de sapê, olhando para as estrelas:

Oh! Que saudades que tenho
Da aurora da minha vida
Da minha infância querida
Que os anos não trazem mais!
Que amor, que sonhos, que flores,
Naquelas tarde fagueiras
À sombra das bananeiras,
Debaixo dos laranjais!

Romeu (Às gargalhadas) – Muito engraçado! Muito engraçado!

Julieta (Zangada) – O quê que tu achou graça, Romeu?

Romeu – Esses teus trejeitos todo pra recitar o poema! Além do mais achei engraçado uma poema que fala tanto em comida... banana, laranja!

Julieta – Tá bom. O que você propõe então?

*A luz muda, agora é noite. Encenam um trecho de “O Pagador de Promessas”, de Dias
Gomes.*

Romeu (procurando algo) – *Não sei...*

Julieta (Rosa) – *Que é que você está procurando?*

Romeu (Zé) – *Qualquer coisa escrita... pra gente saber se é mesmo a igreja de Santa Bárbara.*

Rosa – *E você já viu igreja com letreiro na porta, homem?*

Zé – *É que pode não ser essa.*

Rosa – *Claro que é essa. Não lembra o que o vigário disse? Uma igreja pequena, numa praça, perto duma ladeira...*

Zé – *Se a gente perguntar a alguém...*

Rosa – *Essa hora tá todo mundo dormindo. (Olha-o com raiva.) Todo mundo... menos eu, que tive a infelicidade de me casar com um pagador de promessas. (Procurando convencê-lo.) Escute, Zé... Já que a igreja está fechada, a gente podia ir procurar um lugar pra dormir. Você já pensou que beleza agora uma cama? ...¹*

Romeu – *É mesmo... tô morrendo de sono, e o dia amanhã vai ser duro!*

Julieta – *Ai, Romeu, você não tá prestando atenção na coisa!*

Romeu – Eu tô sim, é que eu prefiro fazer outra coisa!

Julieta – Uma tragédia grega, por exemplo? Isso a gente já faz todos os dias, a gente vê todos os dias, vai ser banal!

Romeu – O que é banal?

Julieta – Não sei, é mais uma palavra que eu escutei por aí!

Romeu – Sabe o que a gente podia fazer? “O auto da barca do inferno”!

Julieta – Taí Carmem Miranda! Achei bacana! E teatro como a vida não precisa Ter muita coerência.

A luz muda novamente, para o clima da encenação do trecho do auto.

Romeu (Diabo) – Ó precioso Don Anrique! Cá vindes vós? Que cousa é esta?

Julieta (Fidalgo) – Esta barca vai ora, que assim está aparelhada?

Diabo - Vai para o inferno, e há de partir agora!

Fidalgo – Porém a que terra passais?

Diabo – Para o inferno, senhor!

¹ GOMES, Dias, *O Pagador de promessa*.

Fidalgo – Parece-te a ti assim!

Diabo – Em que esperas Ter refúgio?

Fidalgo – Que deixo na outra vida que reze sempre por mim!

Diabo – Que reze sempre por ti? Hi, hi, hi... Tu viveste a teu prazer cuidando cá salvar-se quem reze lá por ti?

Julieta (quebrando) – Ih! Não gosto dessa parte, prefiro o anjo!

Romeu – A gente não tem corda pra fazer descer o anjo do teto, ele vai sair de onde? Do baú?

Julieta – Não mencione o baú. Vamos fazer a parte do anjo!

Diabo – Cavaleiros, vós passais e não dizeis pra ond'is?

Anjo – Ó Cavaleiro de Deus, a vós estou esperando, que morreste pelejando por Cristo Senhor dos Céus.

Pausa. Julieta emocionada como sendo essa sua grande interpretação, sua obra prima. Está tão imersa na personagem que não percebe quando Romeu, de forma exagerada, saca uma arma e aponta. Julieta fica de costas para ele.

Anjo – Sois livre de todo mal, santos por certo sem falha, que quem morre em tal batalha merece paz eternal.² *Vira-se.*

Espantada, Julieta olha para arma e para Romeu, giram pelo palco, ele continua apontando a arma.

Julieta – Amanhã o dia será...

Romeu atira. Julieta cai. Um tempo. O ator, assustado, vai bem devagar olhar o corpo.

Ator – Meu Deus. Morreu parecendo os mortos das telenovelas (pausa). Meu Deus! Eu nunca matei uma barata, quanto mais uma pessoa assim tão próxima de mim! E por que ela cantou aquela música? Por que ela começou a cantar aquela música? Eu sou um canalha! Tenho de arrumar um lugar pra esconder o corpo.

Arrasta o corpo e esconde fora da visão de todos.

Ator – E ela que ainda não veio! Demora tanto! Tomara que o diretor não chegue cedo! Nem sei o que faço! Mato ele também! Mato o iluminador, o técnico de som, o dono do teatro, o público! Todos eles! O plano precisa seguir adiante! (Assustado, olha para trás, para onde escondeu o corpo) Mas o corpo tem uma presença enorme! Ah, como tudo isso me assusta! Pelo menos estou livre daquele peso! Que personagem mais imundo, mais chato! (Limpando a maquiagem com as mãos, atirando longe o chapéu) Sai! Sai! Sai! E também o da outra, seu hálito de azeitona! Agora vai bafejar os anjos lá em cima! Ou cá embaixo! Estou exausto! Acho que vou fazer televisão. Teatro é uma entrega

muito grande! Em televisão, eu já saio de casa na personagem! Acho que os críticos não vão gostar disso!

*Surge Fedra, de maneira triunfal. Veste um longo vestido, fuma cigarro com uma longa piteira.
Usa uma peruca de cor berrante, dando pra ver que é realmente uma peruca mal colocada.*

Fedra – Sófocles!

Sófocles – Ah, Fedra, ainda bem que você chegou! Tive medo de...

Fedra (empurrando-o) - Você a matou?

Sófocles – Matei. Não suportava mais ensaiar aquela peça! Aquela imitação barata de “Esperando Godot”. O baú agora é nosso!

Fedra – Onde você a colocou?

Sófocles – Ali naquele canto, atrás da cortina!

Fedra (retirando uma das luvas e aplicando-lhe uma bofetada.) – É, acho que agora o baú é nosso. Mas temos de arranjar um jeito de enterrar o corpo, antes que a natureza se encarregue de apodrecê-lo.

Sófocles – Eu estou muito nervoso, vou beber um pouco! É a primeira vez que mato uma pessoa!

² VICENTE, Gil, *O auto da barca o inferno*.

Fedra (farejando) – É bebida mesmo?

Sófocles – É sim! (Bebe grandes goles.) E ela nem tocou, gostava tanto de beber e nem provou, acho que mergulhou tanto na criação da personagem que...

Fedra – Estamos perdendo tempo demais! Vamos fugir com o baú!

Sófocles – É mesmo! Vamos! Finalmente ele será nosso. Que diretor idiota. Esse baú vale uma fortuna. O que Napoleão guardava dentro dele?

Caminham em direção ao baú.

Fedra – Nunca iremos saber. O que sei é que estamos milionárias, milionárias! Imagina quanto essa relíquia histórica deve valer no mercado negro! Que desperdício utilizá-lo numa peça de teatro...

Ensaiam abrir o baú. Toca uma sirene.

Sófocles – Mas que porra! Que porra! Quem será?

Fedra – E a gente nem escondeu o corpo! Tamos perdidos!

Sófocles – E agora, José?

Fedra (Altamente nervosa e histérica.) – Pare com suas idiotices! Me deixe pensar!

Sófocles (Delirando) – O único meio é retornar ao texto!

Fedra – Não tem nada a ver o desfecho daquela peça!

Sófocles – Tente em nosso repertório!

Fedra – Já sei um final digno!

Sófocles – Pode ser que seja só o leiteiro lá fora! Ou dois perdidos numa noite suja. A morte trágica é sempre um final digno, inesperado e quase sempre belo.

Fedra – Não sei de onde saiu essa besteira! Pegue sua arma. (Sacam as armas.)
Estão abrindo a porta, aponte sua arma para a porta, como eu, prepare-se para atirar como eu.

Sófocles (delirando) – Ser ator... é ser... (A porta se abre. Ele se assusta. Surge Fernanda, que interpretava Julieta, com riso irônico, segurando uma bolsa de sangue.) É você? (Sacando a arma, tenta atirar em Julieta, mas não sai um tiro. Fedra passa para o lado de Julieta, saca um revólver e atira em Sófocles, que cai).

Fedra – Pronto, matei o otário! (Observando o corpo em seus detalhes.) Eu não sabia que o sangue é tão vermelho.

Fernanda – Para o lugar aonde nós vamos é tudo azul. Lá o sangue é azul!

Fedra – Para o inferno? Mas eu não vou para o inferno!

Fernanda – A não ser que você me mate. (Um tempo.) Vamos, me mate, me mate! (Avança sobre a outra, a esbofeteia, pedindo para ser morta) Você não passa de um bichinho assustado!

Fedra – Você está louca!

Fernanda – Sim, estamos loucas. Loucas pelo baú.

Fedra – É verdade. (Uma pausa.) O baú agora é nosso, meu grande amor!

Ensaíam um beijo. A luz cai.

FIM

BALADA DO LADO SEM LUZ

Ficha Técnica da primeira montagem

Elenco: Ana Paula Carneiro, Uarlen Becker e Camila Motta

Texto, encenação e iluminação: Uarlen Becker

Figurinos e maquiagem: Ana Paula Carneiro e Uarlen Becker

Cenário: Ana Paula Carneiro e Uarlen Becker

Produção: Ana Paula Carneiro

Teatro SESI/Rio Vermelho – Salvador, junho de 2000